

ARTIGO

UMA VIAGEM À ESQUERDA: JORGE AMADO SEM (*O MUNDO DA*) PAZ.

A JOURNEY TO THE LEFT: JORGE AMADO WITHOUT (*THE WORLD OF*) PEACE.

MARCOS SILVA*

RESUMO

O livro *O mundo da paz*, de Jorge Amado, descreve as viagens do escritor à URSS e a outros países socialistas europeus no período do segundo pós-guerra e do começo da Guerra Fria. Ele elogia muito aqueles países e critica duramente os países capitalistas. Após as denúncias dos crimes de Stalin (1956), Jorge Amado proibiu a reedição do livro. Este artigo aponta temas de *O mundo da paz* e destaca a importância de eles serem debatidos para melhor compreensão da obra de Jorge Amado e para análise dos debates sobre Guerra Fria e período político brasileiro posterior a 1945.

PALAVRAS-CHAVE: *O mundo da paz*; Jorge Amado; Literatura brasileira do século XX; Guerra Fria no Brasil; Brasil depois de 1945.

ABSTRACT

The world of peace is a book by Jorge Amado that describes his travels to USSR and other European socialist countries in the aftermath of World War II and the beginning of the Cold War. It highly praises socialist countries and strongly criticizes capitalist countries. After the denunciations of Stalin's crimes (1956), Jorge Amado prohibited a reprint of the book. This article points out themes of *The world of peace* and highlights the importance of being debated for a better understanding of the work of Jorge Amado and for analysis of the debates about the Cold War and Brazilian political period after 1945.

KEYWORDS: *The world of peace*; Jorge Amado; 20th century Brazilian literature; Cold War in Brazil; Brazil after 1945.

“O futuro nos pertence como,
aliás, já nos pertence o presente.”
(Jorge Amado, *O mundo da paz*, p 303).

“Ando muito cheio de poesia e esperança”
(Solano Trindade, “Memórias”).

O relato de viagem *O mundo da paz – União Soviética e democracias populares*, de Jorge Amado¹, resultou de sua permanência na URSS e noutros países socialistas europeus (Albânia, Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia e Tchecoslováquia) a partir de exílio - voluntário, mas nem tanto -, após a cassação do registro do PCB e dos mandatos de deputados comunistas brasileiros como ele, em 1947. No mesmo ano, ocorreu o rompimento de relações diplomáticas entre Brasil e URSS – atos políticos articulados entre si pelo governo do presidente Eurico Gaspar Dutra e associados, por Prestes, à ação do Imperialismo². Tal exílio, que incluiu permanências na França e na Itália a partir de 1948, foi marcado por dificuldades financeiras, mitigadas pela fraternidade que Jorge e sua família mereceram de escritores e outros intelectuais e artistas europeus. As limitações orçamentárias do exílio contribuíram para que Amado, diante da impossibilidade de comprar um presente de aniversário para o filho João Jorge, escrevesse como substituto de qualquer brinquedo ou presente similar o texto *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, publicado muitos anos depois por insistência de João Jorge, já adulto. As barreiras não impediram,

portanto, experiências de afeto e produção literária que permaneceriam na memória de Jorge e seus familiares³.

O mundo da paz foi editado originalmente em 1951, teve cinco impressões nacionais, traduziram-no para diferentes línguas (tcheco e, parcialmente, albanês, francês, polonês e eslovaco) - não tenho notícias sobre traduções para o russo nem outras línguas faladas na URSS, o que sugere impossibilidade de acesso para o público dessa federação (que já conhecia outras obras de Amado) ao livro; mereceu processo da parte do governo brasileiro e depois de 1956 (denúncia das políticas de Josef Stálin por Nikita Krushev, XX Congresso do PCURSS), saiu de catálogo, atendendo a decisão do Autor, que perdura até hoje, 2017 – mais de sessenta anos de silêncio.

O Ensino de História no Brasil pode e deve se beneficiar da reflexão crítica sobre os escritos de Amado, tão significativos documentalmente para o debate a respeito de múltiplas experiências sociais (luta de classes, gêneros, saberes populares – destaque para o sagrado e o trabalho -, projetos de esquerda, relações internacionais, “redemocratização” no segundo pós-guerra, desdemocratização em 1964 e nova ditadura etc.), merecendo grande aceitação pelo público quando de seus lançamentos e em gerações sucessivas, indicação de um poder narrativo que ultrapassa conjunturas políticas imediatas. A desapareção editorial daquele livro - tornado raridade, disponível em poucas bibliotecas, vendido em livrarias virtuais a preços altos - é lastimável. E evidencia uma situação surpreendente: o que se anuncia como “Obra completa” de Jorge Amado é seleção, privilegia gêneros (principalmente, ficção, junto com memórias e biografias romanceadas) e exclui textos por

vontade do Autor e/ou por desinteresse de editores, títulos como *Homens e coisas do PCB* e *O Partido Comunista e a liberdade de criação*, por exemplo⁴.

Tal conjunto de obras, mais que apenas receber temas e problemas da sociedade brasileira, foi e continua a ser um elemento ativo em sua existência através das escolhas e interpretações do escritor e de sua presença na formação de vasto público leitor – interferências naquela sociedade. A Pesquisa e o Ensino de História podem contribuir para superar as referidas barreiras e recuperar tópicos significativos sobre diferentes assuntos e problemáticas naquela obra efetivamente completa e na sociedade onde ela surgiu e circulou – ou continua a ser mantida, parcialmente, fora de circulação. Sem esquecer que, finda a URSS e o bloco de países europeus que eram vistos como comunistas (os jovens alunos atuais já nasceram depois desse processo), com a China cada vez mais identificada ao Capitalismo (empresários no Partido Comunista Chinês, pesados investimentos em Títulos do Tesouro Americano) e Cuba reaproximando-se dos EEUU, restando para a Coreia do Norte o papel de vilã comunista internacional, o anti-comunismo continua muito intenso no Brasil e noutros países, donde o debate sobre as experiências daquele bloco socialista contribuir para pensar sobre a crítica ao Capitalismo e as possibilidades – ou grandes dificuldades... - para sua superação hoje.

A reflexão sobre o livro, portanto, pode ajudar a refletir sobre o que o Comunismo pretendeu ter sido, de acordo com seus defensores na época, e o que poderia tentar vir a ser outro Comunismo (ou alternativa ao Capitalismo) depois daquele, livre dos limites referidos. No Ensino, essa reflexão atinge jovens que assistem a manifestações públicas onde qualquer crítica social é equiparada a Comunismo e todo Comunismo é

tornado igual a horror que merece rejeição *in limine*. Pensar sobre um importante escritor brasileiro que amou o Comunismo soviético até 1956 é uma dimensão de procurar explicar historicamente essa experiência social e a posterior renúncia a seus termos pelo mesmo amante.

Fascínio pela URSS e pelo bloco soviético

Trata-se, portanto, de um volume pertencente à etapa de produção amadiana ligada à militância no PCB. O livro de viagem evidencia fascínio pela experiência social e política da URSS e daqueles outros estados nacionais europeus designados como socialistas (a China foi brevemente evocada em poucas passagens, mas não se constituiu em destino de suas incursões no período), que anunciaram afastar-se do Capitalismo após o final da Segunda Guerra Mundial e simultaneamente ao início da Guerra Fria. A rejeição da obra por Jorge Amado se deu depois de ocorrerem aquelas denúncias por Krushev (1956), embora outros de seus escritos da mesma época não tenham merecido semelhante destino, caso da trilogia *Os subterrâneos da liberdade*, dentre outros⁵. É possível que a opção tenha se devido tanto às mudanças de avaliação política que Amado experimentou quanto ao caráter evidentemente datado (quase jornalístico, mesmo panfletário) do material, visto como descartável numa “obra completa” ou numa memória de si expurgada de conflitos. Afastando-se da militância no PCB, Jorge manteve posturas políticas críticas em relação ao Capitalismo, continuou atento a um cotidiano social de homens e mulheres pobres, espaço de experiência onde fez destacarem-se lutas e conquistas, mas não permitiu a reflexão de seus leitores sobre alguns dos problemas daquelas opções anteriores.

Discutirei aspectos de *O mundo da paz*, inclusive potencialidades para o Ensino de História sobre Segundo Pós-Guerra, Guerra Fria, Stalinismo e Brasil depois do Estado Novo, procurando explicar a opção do escritor pelo silenciamento da obra, mas também reivindicando o direito do Professor/Pesquisador – e de qualquer leitor - à retomada reflexiva da matéria: depois de tornado público (“publicado!”), um livro pertence igualmente aos que o leram, leem e, potencialmente, lerão!

No Ensino de História mais habitual em escolas de níveis elementar e médio do Brasil, aquele período histórico (Segundo Pós-Guerra, começo da Guerra Fria) costuma ser debatido predominantemente em escala internacional, surgindo nosso país predominantemente como um integrante do bloco dirigido pelos EEUU, enfatizando-se os conflitos do início da década de 50, que culminaram no golpe contra o último mandato presidencial de Getúlio Vargas (1951/1954), frustrado a partir do suicídio do então presidente da república – o critério de período governamental pesa muito nesse recorte. O PCB, colocado na ilegalidade em 1947, também merece pequeno ou nenhum destaque em tais abordagens. E o grande poder de nomes fortes do Estado Novo no Brasil “redemocratizado” - como Eurico Gaspar Dutra (presidente da república no período de 1946 a 1951) e Pedro Aurélio de Góes Monteiro (Ministro da Guerra entre 1945 e 1946, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas nos anos de 1951 e 1952) - é pouco ou nada debatido, quando seus antecedentes para-fascistas exigiriam grande atenção sobre o caráter político daquele novo período governamental brasileiro.

Embora Ensino não se confunda apenas com Livros Didáticos, usarei exemplos desse campo editorial para parcialmente caracterizar tais procedimentos em relação ao referido campo temático, considerando que fazem parte daquele universo:

Cotrim e Rodrigues enfatizaram a partilha do poder entre os vencedores da Segunda Guerra Mundial, com destaque para a disputa entre EEUU e URSS e a criação de blocos de países ao redor de cada uma dessas potências. Realçaram ainda as corridas armamentista e espacial como base para conquistas tecnológicas, incluindo um anexo (texto de Fábio Reynol) que se refere ao bloco soviético nos seguintes termos: “A Cortina de Ferro, que assombrou o mundo e quase acabou com o planeta (...)”. É como se as armas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki (ações estadunidenses) não tivessem produzido os mesmos sentimentos – evidente opção ideológica do comentarista reproduzido e só. Em relação ao Brasil, aqueles Autores apelaram para as noções de populismo e democracia, associando a economia no governo Dutra à Guerra Fria.⁶

C. Vicentino e J. B. Vicentino trabalharam a divisão do mundo em blocos liderados por EEUU e URSS, registrando o Plano Marshall e o COMECON, comentando a experiência da Revolução Chinesa (que ampliou muito a população que vivia em países declarados comunistas) e os sangrentos conflitos na Coreia e no Vietnã. Mencionaram ainda os movimentos de rebeldia nos anos 60, com ênfase na luta pelos direitos civis nos EEUU, nas grandes manifestações estudantis e em festivais de rock. Em relação ao Brasil, endossaram o argumento de um período democrático na vida política de 1946 a 1964, caracterizando Dutra como liberal, registrando a cassação do PCB e o rompimento das relações diplomáticas com a URSS em 1947 e falando brevemente sobre os presidentes que se seguiram a ele – as relações diplomáticas com a URSS foram reatadas no governo Jânio Quadros.⁷

Boulos Jr. evocou a presença da Guerra Fria na Indústria Cultural (quadrinhos e cinema), mencionando a criação da ONU a partir da Conferência de São Francisco, EEUU, (1945), a liderança de Churchill e Truman no combate internacional ao Comunismo, a divisão da Alemanha em áreas de influência americana e soviética, o confronto entre OTAN e Pacto de Varsóvia, a violência repressiva da caça aos comunistas, nos EEUU, e do combate ao americanismo, na URSS, abrangendo ainda corrida armamentista e espacial, reservando um espaço para falar na importância do rock inglês (Beatles e Rolling Stones), embora não deixe clara a relação desse tópico com os aspectos antes apontados. No Brasil, ele realçou o caráter democrático dos anos posteriores a 1945 (fala mesmo em “livre manifestação de ideias”, apesar da cassação do PCB em 1947), realçando a vinculação do governo Dutra aos horizontes estadunidenses e o crescimento econômico do país nesse período.⁸

Napolitano e Villaça abordaram o saldo calamitoso do pós-guerra (milhões de mortos), a criação da ONU, a formação dos blocos mundiais ao redor de EEUU e URSS, o welfare state como estratégia capitalista contra a expansão comunista, corrida armamentista e caça às bruxas nos EEUU, com destaque para as noções de desenvolvimento e democracia no Brasil.⁹

São livros escritos por profissionais com experiência e sólida formação (muitos deles com pós-graduação em História, Educação e áreas similares), que preservam certa dicotomia entre a dinâmica macro (internacional) e processos mais restritos (nacionais, da política institucional, com desdobramentos na economia).

O mundo da paz nos convida a pensar sobre algumas facetas diferentes dessas tradições interpretativas predominantes nos livros didáticos: a Guerra Fria era também aqui, mais que influência ou contexto; havia um esforço comunista de formar setores da opinião pública nacional

a favor da URSS; membros do PCB apresentavam o Socialismo então existente de forma idealizada e até aprioristicamente favorável (Jorge Amado declarou uma profunda identificação com aquele mundo antes de ele ser diretamente observado), visto como efetivo avesso do Capitalismo e sua superação, destino feliz da humanidade; o Capitalismo era combatido em nome daquele Socialismo já implantado ou por realizar dentro dos mesmos moldes e os comunistas eram caracterizados como ameaça à humanidade¹⁰.

Desde as primeiras páginas do livro, Amado não escondeu seu entusiasmo pela URSS, anterior à viagem, e o volume se configurou como claro libelo a favor dessa federação e de outros estados nacionais socialistas, rejeitando o que considerava calúnias que procuravam desvalorizar sua presença na cena internacional. A viagem de Jorge à URSS e a outras repúblicas socialistas, portanto, assumiu um caráter confirmativo em relação ao que ele já pensava e sabia na militância comunista:

(...) sonho acalentado durante anos e anos, desejo sempre renovado no andar dos tempos. (...) Irei ver com meus olhos a realização de tudo porque sempre lutei. Parece-me um sonho. (...) Parece uma história de sonho, de imaginação solta e sem medidas (MP, pp 13, 34 e 88 – o último fragmento já se refere a dimensões soviéticas observadas na viagem)¹¹.

E o volume dela resultante fez parte dessa militância partidária em escala internacional, enfrentando os inimigos do Socialismo e suas estratégias ideológicas no Brasil e no resto do mundo.

A reafirmação do sonho teve por desdobramento retardar ou mesmo obstruir comentários sobre o que se via efetivamente na viagem,

experiência substituída por apreciações gerais a respeito do caráter dos povos soviéticos (e, depois, de outros povos visitados), inclusive sua felicidade por realizar uma sociedade igualitária e justa, patrimônio para mais povos naquele presente e no futuro. A existência da URSS se constituía, nessa perspectiva, em referencial importante para as lutas pela igualdade em diferentes sociedades nacionais, ultrapassando fronteiras geográficas, alcançando “aqueles (limites) que passam pelo coração de cada homem decente, em qualquer país do mundo”. A contrapartida desse quadro era a “solidariedade mundial dos povos” à causa soviética, sentimento alicerçado em valores de família e pátria (MP, pp 15 e 17), identificando a URSS a “patrimônio do ser humano” (MP, pp 63 e 124).

Há nesse livro uma concepção de História como destino inexorável: “todos os caminhos conduzem – na frase de Molotov – ao comunismo” (MP, p 22); “o passado não pode vencer o futuro” (MP, p 30); “(...) é vão lutar contra a invencível marcha da história” (MP, p 34). Essa perspectiva de Amado fez confluírem os comunistas como soldados mundiais da revolução e portadores de chave interpretativa da História – “todos os caminhos conduzem a...” -, situação perigosamente próxima de um profetismo sem tensões nem riscos ou com tensões e riscos representados apenas por seus adversários capitalistas. Ao mesmo tempo, o livro convidava à mobilização a favor da URSS, dispensava qualquer mobilização – o trajeto da História já estava traçado – e obrigava à mobilização (“cada homem decente”) naquele fluxo. Como pode ser observado num outro trecho do livro (“Para amar a URSS, basta possuir um coração generoso, onde não seja o egoísmo o único sentimento a medrar, onde também exista o amor ao ser humano” - MP, p 23), a

federação capitaneada pela Rússia foi equiparada à condição humana nos meandros do coração. As causas defendidas pela URSS se sintetizaram na fórmula “a paz entre as nações e os povos e a felicidade do homem” (MP, p 23) e a luta vitoriosa contra o Nazismo surgiu na condição de combate pela condição humana, “(...) os cidadãos soviéticos defenderam a cultura contra a barbárie, o futuro contra o passado, a vida contra a morte” (MP, p 159).

Stálin e Lênin figuraram reiteradamente no livro como criadores do Socialismo soviético e, o primeiro, artífice da Paz naquele presente, individualizando - na condição de metáfora - o processo coletivo dessas tarefas, atingindo até uma retórica própria ao mito: “Lênin e Stálin não transformaram apenas o mundo, eles precipitaram a marcha do tempo, adiantaram o calendário da humanidade” (MP, p 33). Stálin, além de descrito como “gênio do nosso tempo”, foi caracterizado pela onisciência: “Sobre tudo ele zela, a certeza da sua presença dá ânimo e calor a todos os cidadãos” (MP, p 67). E mais:

Mestre guia e pai, o maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu. (...) e como divergir dele se sei que sua vida tem sido completamente dedicada à felicidade dos povos soviéticos e de todos os povos do mundo? (...) Ele é a Revolução! (MP, pp 229, 230 e 234).

Para que Deus? E essa analogia político-religiosa se completa com a descrição da visita pública ao Mausoléu de Lênin, quase um santo sepulcro: pessoas vindas de diferentes regiões da URSS suportavam o frio e a espera para homenagearem “aquele que iniciou a construção dessa

Pátria e que vela agora do seu mausoléu (...) quem lhes ensinou as grandes palavras e quem os levou às grandes ações” (MP, p 113 e 114), chamado até de “*nosso Pai*” (com maiúscula, MP, p 115). A Revolução surgiu reiteradamente, portanto, como obra de seus líderes Lênin e Stálin (MP, p 195) ou como o Sujeito libertador dos homens (MP, p 196).

Em contrapartida, os movimentos operários noutros países apareceram identificados como frutos da Revolução Russa: “(...) do seio generoso de Outubro, nasciam em distantes países, como o Brasil, os movimentos operários” (MP, p 29). Amado não foi historiador nem nunca pretendeu isso. Como fala literária de cultura histórica, todavia, essa afirmação deixa de lado a experiência social brasileira (e de outros países) anterior para situar uma relação causal dos movimentos operários nacionais com a Revolução Russa. E isso foi dito por um sensível narrador de tradições sociais brasileiras, que não ignorava muitas outras dimensões na formação daquele movimento – lutas de escravos e imigrantes, p. ex.

Grandes artistas e intelectuais de múltiplas nacionalidades foram apontados no livro como apoiadores da URSS no Congresso pela Paz de Wroclaw (1948): Pablo Picasso, Paul Robeson, Paul Eluard, Aimé Césaire, Vsevolod Pudovkin (MP, pp 45/46). Noutro momento, os nomes de Bernard Shaw, Charlie Chaplin e Cândido Portinari, fora daquele evento, surgiram na condição de aliados do Socialismo e da Paz (MP, p 61).

Se o mundo capitalista era marcado por interesses pessoais e permanentes inseguranças, o campo socialista surgiu, nesse texto de Jorge Amado, sob o signo da Cultura, tornada patrimônio de todos diante de boas condições materiais de sobrevivência – aluguel acessível, educação e saúde garantidas, igualdade entre os sexos, respeito pela infância (MP, pp

72/ss). Ao invés de analfabetismo e ausência de leitura (ou prática de leituras banais) no meio dos trabalhadores, como nos países capitalistas, o escritor brasileiro identificou na URSS universalização do acesso à escrita e refinamento do gosto, facilitados ainda por preços muito acessíveis dos bens culturais em diferentes linguagens – Literatura, Teatro, Artes Plásticas etc. E ao contrário da inflação própria ao Capitalismo, Jorge apontou tendência à baixa de preços em diferentes produtos, resultando em crescente acesso de todos ao consumo, num estilo alternativo àquele que existia para fomentar o Capital: “Os bens do mundo foram colocados ao alcance dos trabalhadores.” (MP, p 86). Ele descreveu a Cultura como “colocada a serviço do povo” (MP, pp 139/ss), visão exemplificada pelo emprego pacífico da energia atômica para a Paz.

Junto com a fraternidade entre grupos sociais (não mais classes, agora funções derivadas de formação técnica e intelectual), Amado também falou do convívio harmonioso entre as múltiplas nacionalidades que compunham a URSS, exato avesso de preconceitos e exclusões ainda muito frequentes no universo do Capitalismo – o exemplo mais visível disso era o racismo nos EEUU.

Infância e condição feminina apareceram nessas páginas como plenamente respeitadas e asseguradas, sob o signo de valores fraternos e de poderem ocupar todos os espaços daquela sociedade. Amado intitulou um de seus tópicos como “Paraíso das crianças” (MP, pp 101/ss), associado à independência de mulheres livres de casamento por interesse (MP, p 104), o que se observa no fragmento “A mulher libertada” (MP, pp 115/ss), que enfatiza o acesso feminino a diferentes postos e cargos, expressão de autonomia econômica. Mas um índice da decadência literária

burguesa apontado por Jorge Amado foi um psicologismo que “se efeminou e murchou” (MP, p 178), como se o feminino, por si, fosse sinônimo de incapacidade crítica.

Há uma permanente imagem da URSS equiparada a terra de problemas superados, enfrentando ameaças apenas de inimigos externos, donde a grande importância da Paz para aquele país e para o mundo. Se o Anticomunismo traçava uma imagem monocórdica do bloco soviético na condição de lugar dos horrores (depois dos atentados de 2001 contra as Torres Gêmeas em New York, num mundo sem URSS nem bloco comunista, Georges Bush, presidente dos EEUU, falou em “Eixo do Mal” referindo-se à Coreia do Norte, mais Irã e Iraque), o Comunismo amadiano apresentava um panorama dos mesmos países sem o mínimo conflito, exceto aqueles suscitados por seus rivais na disputa política internacional.

Em contrapartida, o acesso popular à Cultura na URSS foi muito enfatizado, destacando-se o trabalho de difundir clássicos nacionais e mundiais (bibliotecas, teatros, museus, laboratórios etc.), associado à eliminação do analfabetismo: “(...) esse país e esses povos parecem viver para as alegrias da cultura” (MP, p 153).

Na discussão sobre a importância atribuída aos escritores, igual à de estadistas, Jorge Amado comparou favoravelmente a literatura socialista à similar burguesa, perdendo de vista nuances e tensões presentes nessas diferentes produções, apoiado em argumentos de Zhdanov (MP, pp 165/ss). Apesar da referida importância, o romancista brasileiro salienta que “(...) Estado e Partido velam no sentido de que nenhuma influência ideológica do inimigo venha perturbar a marcha

ascensional da literatura e da arte soviéticas (...)” (MP, pp 165/ss), diminuindo o impacto daquele destaque (poder) atribuído aos escritores. A liberdade de crítica na URSS foi reiterada, identificando-a ao desejo de melhorar aquela sociedade (MP, pp 218/ss)

Contra a lenda de que os soviéticos eram povos tristes, Jorge Amado salientou o direito à alegria adquirido junto com a fartura e a segurança (MP, pp 199/ss). A propriedade de itens de consumo foi foalçada, incluindo móveis, brinquedos, objetos de colecionadores. Mesmo a existência de casas próprias foi registrada como possível e de fácil acesso (MP, pp 208/209).

Quando deputado federal, Amado apresentou projeto de Lei garantindo a liberdade de culto religioso no Brasil. Ele comentou a liberdade religiosa na URSS e a existência de sacerdotes que apoiavam plenamente os projetos socialistas.

A excelência soviética também foi assinalada em relação aos trabalhos para recuperar criminosos, contrastados à extrema violência vigente em presídios brasileiros.

A parte do livro dedicada à URSS se encerra com uma ode a essa federação como centro da revolução mundial, “luz chegada de Moscou resplandecente” (MP, p 238), desdobrada até, em seguida, na imagem maternal daquela federação no que se refere a outros países socialistas (“Como a mais amorosa das mães zela sobre seus filhos pequeninos [...]”, MP, p 285), culminando com a menção ao “nome sobre todos bem-amado da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas” (MP, p 325). Os comentários a respeito de outros países europeus, sob o título “As

democracias-populares em marcha para o Socialismo”, mantiveram essa centralidade soviética.

Além da URSS

Eles se iniciam com a negação do termo “cortina de ferro”, associada à denúncia de uma “cortina de dólares”. Via de regra, essa parte do livro se caracteriza por comentários sucessivos sobre vários desses países, relembrando a luta contra o Nazismo e os esforços para reconstruções nacionais no pós-guerra.

Amado denuncia o que considera graves deturpações da Imprensa ocidental em relação a essas experiências, associando-as à política do Departamento de Estado norte-americano (MP, p 245). Essa passagem esboça o papel que o livro se atribui: confrontar tais imagens, restabelecer a verdade factual fora daquela fonte ideológica capitalista que ele sintetiza na imagem de uma “cortina de dólares” (MP, p 247). Ele registra mesmo o pedido que Tchervenkov, “secretário do Partido Comunista Búlgaro e então Ministro da Cultura e das Artes”, lhe fez indicar erros e críticas. Enfatiza o compromisso com a verdade nesse relato: “Não existe nada mais poderoso que a verdade” (MP, p 250).

Uma dimensão dessas mudanças na Bulgária foi exemplificada com um jovem pastor que se preparava para estudar Agronomia (MP, p 252). Na Rumânia, citou o encaminhamento da alimentação para jovens filhos de trabalhadores, com o aproveitamento de terras antes detidas pelos nobres e a transformação de um castelo de caça em sanatório para tuberculosos (MP, pp 253/254). O próprio Castelo Dobris, na Tchecoslováquia, onde Jorge Amado escreveu *O mundo da paz*, fora antes

residência de nobres, transformada pelos socialistas em centro da União dos Escritores Tchecoslovacos, abrigando autores para produzirem suas obras (MP, p 261).

Na Polônia, o escritor brasileiro salientou a grande capacidade para reconstrução de Varsóvia, associada à conquista de fartura pelos habitantes e à amizade fraterna com a URSS (MP, pp 262/ss). A beleza de Praga, Tchecoslováquia, foi especialmente realçada, com suas vistosas vitrines que evidenciavam abundância (MP, pp 264/ss). Amado fala em “povo tchecoslovaco” (MP, p 268), sem considerar diferenças nacionais nesse universo. E o grande número de clubes de leitura e outros grupos culturais e artísticos coroou essa imagem tão positiva do país (MP, p 272). Budapeste mereceu grandes elogios por residências universitárias (antes, tais edificações eram moradias de pessoas ricas), instituições educativas e culturais (MP, p 269/ss). Padres de Dimitrovgrad, Bulgária, foram citados como apoiadores do governo comunista (MP, p 274).

Há uma visão generalizada de mudança para melhor nesses países. Prisões da Romênia foram apresentadas através de práticas extremamente cruéis ali desenvolvidas antes da vitória socialista, violências comparadas aos campos de concentração nazistas, associação que se desdobra na aproximação entre Nazismo e racismo estadunidense no pós-guerra (MP, pp 275/ss). Operários tchecos foram descritos como dotados de talento e vocação para Literatura e outras artes, participando de debates sobre esses universos de seu fazer, incluindo diálogos entre escritores operários e escritores profissionais (MP, pp 295/ss). Amado sintetiza esse quadro com a afirmação: “Qualquer coisa mudou, sem dúvida. Ontem a cultura pertencia a alguns, hoje é um bem de todos” (MP, p 299).

As cidades nos países socialistas, portanto, aparecem nesse *Mundo da paz* como claros exemplos de uma nova sociabilidade, favorável aos pobres, que garantia horizontes crescentemente abertos de cultura e bem-estar para todos. A obra de Amado contribui para uma melhor compreensão de alguns aspectos das experiências socialistas que o fim do bloco soviético não eliminou, como se observa na continuidade de parques e espaços culturais daquele período, tanto em tais países que foram socialistas como, reapropriadas e reconfiguradas por movimentos sociais, noutros espaços nacionais, de natureza capitalista¹².

O livro aponta um clima de respeito às múltiplas identidades nacionais e às pessoas dos dois sexos, colocado em paralelo com o que observara antes na URSS (MP, pp 312 e 314), desdobrado num sentimento de otimismo (MP, pp 316/ss), contrastado com os graves preconceitos então vigentes nos EEUU contra negros e seres de outras etnias ou nacionalidades.

O tópico “A Albânia é uma festa”, depois editado separadamente, destaca-se pelo grande realce à beleza do país, contraposta aos sofrimentos que ele experimentara pela ação de exploradores italianos, turcos e alemães (MP, pp 321/ss). Amado salienta a juventude dos líderes albaneses e seu autêntico desejo pela paz. Elogia ainda os valores do progresso e da técnica, a generosidade soviética no fornecimento de recursos de produção ainda pouco acessíveis para essa economia limitada, a produção literária e artística, o florescer da Educação, a segurança para crianças e jovens. Provavelmente, é a parte do livro onde o entusiasmo do escritor mais se aproxima de seus textos ficcionais brasileiros, mesclando a

identidade política de esquerda ao elogio dos universos culturais populares.

O mundo da paz se encerra com um capítulo e um epílogo que enfatizam a vitória socialista (“Onde o Imperialismo foi derrotado” e “Ganhemos a Batalha da Paz”), síntese de seus objetivos no plano da política internacional e que também remetem para tarefas daquele escrito no Brasil. É assim que tais países surgiram sob o signo da libertação diante do imperialismo, contra fortes investidas do último nos campos de Cultura e Religião, visando a fomentar conflitos no seio do socialismo. Em contrapartida, Jorge Amado fala no florescer artístico e intelectual daquelas populações, no baixo preço de livros ali observado, na expansão de editoras, no boicote capitalista aos grandes escritores da URSS e dos países que a ela se juntaram, raramente traduzidos para as línguas das potências do capital. O escritor conclui mesmo que “O imperialismo deseja manter as grandes massas envoltas na ignorância, para ele a cultura é um perigo” (MP, p 382), em evidente oposição ao que observara no mundo socialista. Alguns exemplos da violência capitalista contra escritores são arrolados em diferentes países – Turquia, Chile, EEUU, França, Argentina, Portugal... (MP, p 384)

O apelo a argumentos religiosos contra o bloco soviético – “transformando a religião numa nova bomba atômica a ser utilizada pelo imperialismo” (MP, p 387) - também foi apontado, incluindo a participação do Vaticano ao lado do governo norte-americano (excomunhões, advertências), o que Amado interpretou como fator para o descrédito da palavra papal, associada à guerra.

Amado sublinhou maior facilidade nas relações entre governos socialistas e Igreja Ortodoxa, levando em conta os limites nacionais desta, ao contrário do internacionalismo Católico. O escritor compara as punições do Vaticano aos católicos comunistas com o absoluto silêncio papal em relação aos católicos nazistas (MP, p 392). Enfatizou, ao mesmo tempo, liberdade religiosa plena em tais países e a presença de católicos em postos governamentais.

Denunciando traidores da via socialista, o livro ataca com especial ênfase Tito, que contou com a benevolência das potências capitalistas, expressa empréstimos internacionais e na participação na ONU (MP, p 397). Apesar disso, Jorge Amado ainda prevê a reintegração da Iugoslávia ao bloco soviético.

O epílogo do livro, sob o título “Ganhemos a batalha da paz”, convoca todos à luta por essa meta, salientando a necessidade de não ficar restrito a um desejo subjetivo, a necessidade de assumir plenamente a tarefa de luta. Defender a construção do comunismo na URSS é garantir a paz.

Vale salientar que Amado não fala de imperialismo soviético, visão extremamente idealizada da política internacional. A comunidade socialista, portanto, surge como portadora de um bem para a humanidade, a ser garantido pelo espírito internacional de luta e união.

Destinos da revolução (depois de Stálin)

Até à trilogia *Os subterrâneos da liberdade*, inclusive esse romance, a revolução aparecia na ficção de Jorge Amado como utópico destino dos explorados e a cultura popular era apresentada na condição de antecessora

desse trajeto, enfatizando-se a ação coletiva. Em *Jubiabá*, o personagem que deu título à obra era um bondoso e respeitado Pai de Santo, que criou o órfão Baldo; o último personagem se tornou um adulto comprometido com lutas sindicais e o romance se encerrou com a notícia de que seu pai adotivo – uma digna etapa cumprida da experiência cultural popular – morreria, provocando comoção pública, ao mesmo tempo que Baldo representava o período novo de lutas revolucionárias, passagem do Candomblé para o PCB via lutas sindicais. Em *Capitães da Areia*, os meninos abandonados, que viviam nas ruas perto do cais de Salvador, BA, lutando pela sobrevivência cotidiana, começaram a se tornar adultos; Pedro Bala se integrou na política de esquerda e assumiu um papel de liderança nas lutas sociais. E em *Seara vermelha*, os filhos de Jerônimo e Jucundina, retirantes nordestinos, seguiram diferentes trajetos e a opção de um deles pela militância de esquerda foi apresentada como mais sólida e dotada de futuro¹³.

A partir de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, a ênfase narrativa de Amado se deslocou para conquistas, opções e combates populares no agora (antes da grande revolução - ou já na pequena e necessária revolução do cotidiano atual), com destaque para a força de homens e mulheres comuns tornados heróis. É o que se verifica na própria Gabriela (luta feminina pelo direito ao prazer e à escolha dos parceiros, pela liberdade, compartilhada com outras mulheres, por diferentes vias). Em *Tenda dos milagres*, onze anos depois, Pedro Archanjo, pobre bedel da Faculdade de Medicina de Salvador, formador intelectual de crianças pobres (alfabetização, orientação de leituras), sedutor amante de tantas mulheres e pai de incontáveis filhos, atendeu a demanda de seus orixás (mais

especificamente: de Xangô) e revelou-se também um intelectual capaz de pesquisar e escrever, defensor dos direitos de negros e mestiços, enfrentando com altivez preconceitos e outras violências. O médico e professor universitário Fraga Neto, erudito amigo e admirador de Pedro Archanjo, apareceu nessa narrativa com um perfil de intelectual de esquerda, excelente formação profissional no exterior, visão crítica da sociedade brasileira, capaz de denunciar as origens sociais de doenças entre os pobres (péssimas condições de trabalho, higiene e alimentação), pessoa respeitável mas sujeita a erros e discordâncias – havia meandros da cultura popular e da ação política que ele só conseguia entender a partir das argumentações de Pedro, quer dizer, de seu universo cultural popular¹⁴.

A passagem de *Os subterrâneos da liberdade* para *Gabriela, cravo e canela* e os escritos subsequentes significou, portanto, perda de certezas revolucionárias, busca de possíveis transformadores no agora, nova confiança na sabedoria popular, que não derivava necessariamente da orientação partidária. O próprio Jorge Amado argumentou, numa entrevista concedida já em idade madura, que não houve plena ruptura ou oposição entre etapas¹⁵; ocorreu, a partir dessa perspectiva, maior ênfase nas tradições populares, já valorizadas antes, e abandono do predominante metro partidário, sem desprezo por esse universo de organização social, como se observa em comentário do escritor nos anos 70:

(...) existem partidos legais e partidos ilegais, o que é uma violência antidemocrática, uma ofensa a todos os democratas, pois todos os partidos devem ser legais, todas as correntes de opinião devem ter o direito de expressar-se”.¹⁶

Indiretamente, o escritor sugeriu que o fim da militância comunista não significou rejeição de interesses e opções sociais da referida etapa política de sua vida pessoal e intelectual.

Essa fala de entrevista, em nome de valores democráticos, foi enunciada durante o governo Garrastazu Médici (1969/1974), auge repressivo e propagandístico da ditadura de 1964/1985; a referência partidária ilegal era o PCB e talvez outros similares de esquerda. O pronunciamento de Jorge Amado, nesse contexto ditatorial, revestia-se de ousadia, inclusive pelo louvor àqueles valores, e também pela denúncia da censura, que abrangeu recusar-se a submeter textos a seus agentes.

Ao impedir a reedição do livro de viagem à URSS e a outros países socialistas europeus (autocensura retrospectiva), Amado rejeitou as avaliações ali expressas sobre governos e personagens, como se confessasse erro e culpa diante das denúncias de Krushev. Quanto ao erro, ele demonstrou que escritores e artistas experientes também erravam naquele contexto político, o que só pode ser avaliado por seus leitores através do contato direto com a obra. E a responsabilidade por esse quadro merece ser compartilhada com o PCB e os leitores que garantiram cinco edições brasileiras para o livro, mais traduções: havia uma cultura de louvor a Stálin, à URSS e aos países socialistas europeus no meio de comunistas e seus companheiros de viagem; o poder popular, sob o Socialismo que se erguia, era entendido como poder de Partido (único) e Estado em nome do povo; vozes alternativas de esquerda (trotskistas, socialistas) ainda se mantinham muito minoritárias no Brasil daquele período e foram duramente combatidas no livro (MP, pp 25, 155, 217 e 223, dentre outras).

Ocultar erro e culpa, proibindo reedições da obra, correspondeu a transferir – via esquecimento - a idealização da URSS, dos demais países socialistas e de Stálin para o universo da produção literária e da ação partidária de que Jorge fazia parte, através do silêncio em torno de “máculas no passado”.

Mas o conjunto da obra de Amado até então produzida ultrapassava aqueles tópicos via atenção à cultura popular, ainda mais pela forte presença do sagrado e do erotismo em suas páginas, poderes que não aguardavam pelo amanhã revolucionário para se manifestarem tão fortemente nas vidas de seus personagens ao menos desde os romances *Cacau* e *Suor*¹⁷. O escritor construía visões críticas que demoliam as ideologias próprias ao Capitalismo, mas não conseguia nem desejava fazer o mesmo em relação ao que se estabilizara como ideologias próprias ao Socialismo então supostamente existente, sem discutir poder a necessidade frustrada de popular direto nesse novo contexto histórico.

O mundo da paz, publicado antes do romance *Os subterrâneos da liberdade* (último texto ficcional de Jorge Amado ainda militante comunista), mantém importância para se compreender o percurso do escritor em relação a nuances sobre saberes e poderes populares, tópicos permanentes em sua Poética, presentes naquele livro sob a égide do PCB e do Comunismo soviético/europeu – saberes e poderes populares administrados e resolvidos por Estado e Partido (único)¹⁸. E contribuiu para identificar, naquele momento histórico brasileiro, a convicção de esquerda quanto à capacidade de interferir na conjuntura política nacional e internacional, procurando afastar os trabalhadores da esfera de influência capitalista (especialmente, dos EEUU) e reforçar o apoio ao Socialismo

soviético e a outros países europeus com perfil semelhante, forma de defender o futuro dessa perspectiva política e histórica. Ele evidencia a esperança num mundo alternativo ao Capitalismo, livre de suas mazelas, entendido como desprovido de problemas.

Seus erros de avaliação, reconhecidos pelo Autor (mas mantidos fora de cena ao impedir a reedição da obra), só podem ser devidamente entendidos quando se leva em conta a forte disputa ideológica de que fizeram parte, incluindo a ruptura de relações diplomáticas entre Brasil e URSS e a demonização do último país e do Socialismo na Imprensa e no debate político e intelectual brasileiros (e dos demais países que se aliaram aos EEUU) da época.

O livro se manteve num universo de Ideologia, que impediu um voo interpretativo maior (crítica), presente na ficção amadiana do mesmo período e da mesma orientação política no que se refere ao Brasil e a outras sociedades capitalistas. A crítica de Jorge Amado conseguiu se consolidar em relação ao mundo do Capitalismo, brasileiro e internacional, mas não deu conta de enxergar o que se fazia em nome do Socialismo naqueles países visitados – e ele preservou os juízos de *O mundo da paz* no campo argumentativo ideológico (Ideologia contra Ideologia...).

Em passagem do volume memorialístico *Navegação de cabotagem*, o escritor relembrou roda de conversa em Budapeste, 1951, entre amigos intelectuais húngaros, quando ouviu, estarecido e sem conseguir acreditar, descrições detalhadas de confissões políticas obtidas através de torturas durante o processo stalinista contra o dirigente do país Lázlo Rájk e em procedimentos policiais semelhantes. E concluiu que fora crédulo ao pensar que tal horror não podia ocorrer naquele mundo:

Com febre e frio atravesso a primeira noite de dúvida, o coração traspassado, o estômago embrulhado, ânsia de vômito: a polícia comunista me espanca e pisoteia, obriga-me a confessar o que não fiz. Assim começou minha travessia do deserto¹⁹.

Febre, fome, deserto – imagens que remetem a dor e isolamento, decepção e angústia, sofrimento, perspectiva de fim²⁰. Jorge Amado fez essa avaliação rememorativa em 1991, quando o bloco soviético já deixara de existir, muito depois das denúncias do Stalinismo por Krushev – e ele já fora informado sobre aquelas torturas cinco anos antes dessas denúncias. Entre 1956 (discurso de Krushev no XX Congresso da PCURSS) e 1991 (quando o livro *Navegação de cabotagem* foi editado), Jorge publicou obras que demonstravam suas preocupações políticas com lutas e conquistas sociais no mundo do Capitalismo, marcadas por confiança na cultura popular e vontade de superar explorações e exclusões ainda dentro dos marcos capitalistas. Seu afastamento em relação ao Comunismo que existiu vinha, portanto, de mais de trinta anos e não se desdobrou numa adesão aos valores sociais do Capitalismo, embora ele tenha passado a falar abertamente de graves equívocos produzidos em nome daquela via comunista que foi anunciada como existente – uma entrevista de 1990 é expressiva a esse respeito²¹.

O silêncio sobre a experiência de confiança no (e amor pelo) Comunismo que vigorou na URSS e noutros países da Europa e a escrita de *O mundo da paz* não resolve essa angústia. Para a compreensão do escrito e dos problemas históricos de seu tempo, vale muito mais o contato com o livro e o debate sobre seus argumentos – que não se reduzem a culpa individual do escritor, sem o isentar de responsabilidades em relação ao Socialismo que se anunciou existir.

A crítica ao Capitalismo continua necessária, apesar da desapareção daquele Comunismo: imigrantes pobres morrem em diferentes mares e fronteiras, sofrem agressões em muitos países, novos muros isolacionistas são erguidos ou projetados entre diferentes estados nacionais, o *Welfare State* do Segundo Pós-Guerra foi desmontado pelo Neo-Liberalismo a partir da década de 80 do século XX, desemprego e abandono afligem os pobres, inclusive nas economias capitalistas mais ricas – a antiga noção de “Terceiro Mundo” parece ter sido adotada, sem o uso de seus termos, como modelo pelo Capitalismo de ponta para os trabalhadores. E a crítica do Comunismo que se disse ter existido (ou que ainda se declara existir: China, Coréia do Norte, Cuba, Vietnam) também se faz muito necessária (máfias na ex-URSS, neonazismos na ex-Iugoslávia – com direito a guerras de “limpeza étnica” -, retornos ao Capitalismo depois de imensos sacrifícios compartilhados por milhões de pessoas, durante décadas, com a finalidade de se ir além dele), para que a História não se repita como farsa²² nem perca Capitalismo e Comunismo na condição de problemas a serem debatidos, talvez reconfigurados ou mesmo substituídos através de“(…) mares nunca dantes navegados”²³.

Sem Crítica, reina a Ideologia

O Ensino e a Pesquisa de História que se querem críticos procuram outro universo de pensamento. Refletem sobre esses materiais ideológicos a partir de ângulos de análise próprios, superando o mero confronto entre Ideologias.

E não há superação sem conhecimento de causal!

Notas

*Professor Titular, Depto. de História da FFLCH/USP. E-mail: marcosilva.usp@uol.com.br

¹ AMADO, Jorge. *O mundo da paz – União soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.

Agradeço a Maurício Gomes da Silva, Professor na rede pública paulista e Mestrando na UniABC (Santo André, SP), que me presenteou com um exemplar dessa primeira edição de *O mundo da paz*, cuja leitura foi uma experiência borgeana: a encadernação se rompia, quase a cada folha lida, devido ao ressecamento do papel sessentão. As indicações de suas páginas, daqui por diante, serão feitas no corpo do texto, de forma abreviada (MP, pp ...). Maurício também me garantiu o acesso a livros didáticos brasileiros contemporâneos que abordam Segundo Pós-Guerra, Guerra Fria e Pós-Estado Novo.

² PRESTES, Luís Carlos. “Como enfrentar os problemas da Revolução agrária e anti-imperialista”. *Problemas*. 8, abr 1948:18/42, in: CARONE, Edgard (Ed.). **O PCB – 1943 a 1964**. São Paulo: DIFEL, 1982, pp 72/89.

³ AMADO, Jorge. **O gato Malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

TATI, Miécio. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

GATTAI, Zélia. **Senhora dona do baile**. Rio de Janeiro: Record, 1997 (1ª ed.: 1984).

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**. São Paulo: Record, 1993.

⁴ AMADO, Jorge. **Homens e coisas do PCB**. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946,

IDEM. **O Partido Comunista e a liberdade de criação**. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946. Alguns de seus títulos de correspondência, colaboração jornalística e Literatura Infantil são mantidos em catálogo por editoras diferentes daquelas que se responsabilizaram e se responsabilizam pela “Obra completa”.

⁵ AMADO, Jorge. **Os subterrâneos da liberdade**. São Paulo: Martins, 1968, três volumes (1ª ed.: 1954).

SILVA, Marcos. “Claro-escuro de Estado Novo e depois – Sobre ‘Os subterrâneos da liberdade’”, in: FRAGA, Myriam et al (Orgs.). **Jorge Amado – Literatura e Política**. Salvador: Casa de Palavras, 2015, pp 71/104.

⁶ COTRIM, Gilberto e RODRIGUES, Jaime. **Saber e fazer História – 9º ano**. São Paulo: Saraiva, 2012.

⁷ VICENTINO, Claudio e VICENTINO, José Bruno. **Projeto Mosaico – História**. São Paulo: Scipione, 2015.

⁸ BOULOS JR., Alfredo. **História – Sociedade e cidadania**. São Paulo: FTD, 2013.

⁹ NAPOLITANO, Marcos e VILAÇA, Marianna. **História para o ensino médio – 3**. São Paulo: Saraiva, 2013

¹⁰ Após as denúncias de Krushev (1956) e o fim da URSS (1991), essa idealização é muito mais facilmente perceptível e criticável, claro – nossos leitores e alunos fazem parte das gerações posteriores a tais experiências. Até 1956, todavia, ela era voz corrente nos partidos comunistas e em suas áreas próximas.

¹¹ Pericás aponta livros similares publicados no Brasil na década anterior, como:

PRADO JR., Caio. **URSS, um novo mundo**. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional, 1934.
PERICÁS, Luiz Bernardo. **Caio Prado Jr. – Uma biografia política**. São Paulo: Boitempo, 2016.

¹² Agradeço a Nelson Tomelin Jr. (UFAM), que me lembrou isso a partir de sua experiência pessoal em Berlim, Alemanha, evocando também a luta por moradia e saúde no Brasil, em diálogo com experiências de Cuba.

¹³ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 1983 (1ª ed.: 1935).

IDEM. **Capitães da areia**. Rio de Janeiro: Record, 1996 (1ª ed.: 1937).

AMADO, Jorge. **Seara vermelha**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009 (1ª ed.: 1946).

¹⁴ IDEM. **Gabriela cravo e canela**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008 (1ª ed.: 1958).

AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2008 (1ª ed.: 1969).

SILVA, Marcos. “Milagres da Literatura – Uma leitura histórica de **Tenda dos milagres**”, in: PATRIOTA, Rosângela e RAMOS, Alcides Freire, Orgs.. **Escritas da História – Ver, sentir, narrar**. São Paulo: HUCITEC, 2014, pp 224/259.

¹⁵ AMADO, Jorge. “ABC da Literatura” (Entrevista). **Cadernos de Literatura brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 3, 1997, pp 43/57.

¹⁶ “Uma ficção para milhões” (matéria de capa). *Vêja*. São Paulo: Abril, 223, 14.12.1972, pp 82/90 – o trecho citado faz parte de entrevista dada por Jorge Amado à revista (pp 88/90), na última página desse material.

¹⁷ AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010 (1ª ed.: 1933)

IDEM. **Suor**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011 (1ª ed.: 1934)

¹⁸ Esse viés se faz presente na dicotomia central que marca *Os subterrâneos da liberdade*: os personagens da classe dominante ou a ela ligados mereceram esclarecedoras críticas; os militantes comunistas apareceram como pessoas que jamais erravam (havia traidores antes ligados a eles e que não mais eram tratados como comunistas), embora sofressem muito - chegando a perder a vida - para manterem seus projetos políticos.

AMADO, Jorge. **Os subterrâneos da liberdade**. Edição citada.

SILVA, Marcos. “Claro-escuro de Estado Novo e depois – Sobre ‘Os subterrâneos da liberdade’”. Edição citada.

¹⁹ AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem**. Edição citada, p 31.

Depois disso, ele ainda escreveu o romance militante *Os subterrâneos da liberdade*.

²⁰ Mas restava uma nota de esperança nesses sentimentos, que surge no livro *Navegação de cabotagem*: “Canso-me de explicar aos que perderam o norte: de mim não vejo motivo para desespero e suicídio. Permanecem atroztes e urgentes os problemas por cuja solução nos batemos, o sonho que sonhamos permanece íntegro em seu fascinante desafio.” (IDEM, *Navegação de cabotagem*, Edição citada, p 453).

²¹ “As confissões do ex-comunista Jorge Amado” (entrevista a Geneton Moraes Neto). [g1.globo.com/.../as-confissoes-do-ex-comunista-jorge-amado-diante-da-tv-ele-assiste-](http://g1.globo.com/.../as-confissoes-do-ex-comunista-jorge-amado-diante-da-tv-ele-assiste-...)

...

²² Cf a clássica reflexão de Marx, na abertura de: MARX, Karl. “O dezoito brumário”. Tradução de Leandro Konder, in: **O dezoito brumário e Cartas a Kugelman**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp 9/159 – trecho evocado da p 21.

²³ CAMÕES, Luís de. “Os Lusíadas”, in: **Obras**. Lisboa: Lello & Irmãos, [1970], pp 1119/1454.

Uma importante contribuição de Hobsbawn, no livro **Como mudar o mundo**, foi apontar modelos capitalistas na Economia de guerra da URSS (a federação soviética teve mais de Capitalismo que as ideologias capitalistas desejam admitir...):
HOBSBAWN, Eric. **Como mudar o mundo**. Tradução de Donaldson Garchshagen. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.